

“SARAMAU”

Carolina Pereira Rodrigues e Milena da Silva

CENA 1

Saramau entra no palco leve e com um ar de alegria e paz. Ela acaba de compreender que ama de verdade José o seu marido. Ela entra chamando pelo marido de forma carinhosa e com um tom de quem quer declarar seu amor descoberto. Depois de procurá-lo pela casa com ar de ansiedade, respira fundo, se acalma e pega um copo d'água (uma moringa). Ao sentar-se a mesa, ela percebe que tem uma carta para ela e ao abri-la, ela faz uma expressão de desentendimento por ser uma carta do José. Enquanto ela lê a carta, sons de tiro, grito e sirenes são ouvidos de forma crescente. Isso vai levando Saramau ao desespero, mas com um esforço ela se levanta, coloca uma música que abafa o som de fora e em um suspiro profundo se acalma e consegue ler a carta. Depois com lágrimas nos olhos, mas com uma expressão fria, coloca a carta sobre a mesa.

Saramau – Não pode ser.. Ele disse que ia até a montanha para entregar uma mensagem. Apenas isso, mais nada... É simples ... Ele está bem! (Tentando se convencer). **Tem que estar bem. Vou arrumar a casa, (PAUSA) me perfumar para finalmente contar para ele que compreendi nosso amor.** (Se abaixando com a carta na mão). **Como pude ser tão teimosa. Esse casamento arranjado pelo meu pai, com um primo que eu mal conhecia... Como eu poderia aceitar! Eu tão jovem, sempre sonhei em conhecer meu amor através dos meus próprios olhos.** (Se levanta, olha-se profundamente no espelho). **Acabo de descobrir com meu coração o quanto amo José.** (Sai do espelho, pega na arara de roupas um belo vestido e se troca rapidamente. Vai para boca de cena, mais uma vez com lágrimas nos olhos, mas escondendo sua tristeza, ainda inconsciente). **Agora vou ficar bem aqui esperando sua volta. O tempo que for preciso e revelar esse amor que ficou escondido pela minha rebeldia. Agora sim seremos felizes** (com um belo sorriso e lágrimas nos olhos). **Bem lentamente, como se seu corpo estivesse cansado, Saramau caminha até a mesa, senta-se, olha para a carta e resolve rasgá-la. Levanta-se, pega mais água e senta na cadeira com o copo na mão olhando fixamente para ele. A luz vai caindo dando o clima da passagem do tempo. Escuro. Os mesmos sons voltam com o escurecer da luz.**

CENA 2

A luz acende lentamente, se passou 1 (um) ano do massacre de Santa Cruz, onde José morreu. Ela está sentada na cadeira na mesma posição da última cena e olhando para o mesmo copo. Depois de um breve tempo, ela se levanta e caminha até um altar (esse altar vocês precisam me dizer que tipo de santo, ou imagem, ou qualquer outra coisa que possa compor esse oratório. Nele também está um colar que Saramau ganhou de José.) Ela usa um lenço preto na cabeça e um vestido preto largo. Possui em sua expressão facial muita tristeza e dor.

Saramau – Perdi o meu pai, meu marido. Perdi as pessoas que amava (pega no altar o colar que ganhou de presente). Parece que foi ontem que ganhei esse colar de José no dia em que ele se foi. Nele sinto a dor de um ano de solidão. Minha vida acabou. (Se afasta do altar, pega a cadeira da mesa e a coloca na lateral do palco. “Acende um foco na cadeira”).

Saramau – A invasão da Indonésia os levou de mim. Eu sei que os perdi. Não pude ver seus corpos e nem dizer adeus. O que eu mais queria era ter seguido os rituais da minha tradição do meu povo. Até isso a invasão me roubou. Minha história, minha cultura. Como pode um país entrar em nossas terras e apagar a essência de um povo. É sufocante não tê-los enterrado da forma que acredito, para que ao menos eles descansassem em paz. (ela se levanta e começa a correr pelo espaço de forma frenética. Se bate, chora e na exaustão senta-se no chão com muito tristeza e dor).

Saramau - Eu sinto tanta falta! ... tanta! ... É uma perda que não tem tamanho. (PAUSA. Ela começa a contar a história do seu casamento. A proposta que seu pai faz a ela para se casar com seu primo)

Saramau – Aiiiiiiiiii (grita), **eu não queria casar com o José, mas foi um pedido do meu pai. Ele acreditava que seria bom pra mim. Queria tanto que José cuidasse de mim, me protegesse. Eu relutei muito, porque afinal José era meu primo.** (Levanta-se, pega uma caixa cheia de objetos de recordação de José. Senta na mesa e com lágrimas abre a caixa e lentamente vai contemplando alguns objetos).

Saramau – Obedeci meu pai, casei com o José. Sempre fui amada, cuidada... Quando descubro que amo José, ele parte junto com meu pai. aiiiiiiiiii (ela coloca todos os objetos novamente na caixa e a fecha com revolta. Ainda sentada, relaxa seu corpo na cadeira quase como se entregasse ao sofrimento).

Saramau – Estou cansada... Muito cansada! Preciso de paz. (Levanta-se, senta na poltrona, pega um livro para ler e vai adormecendo.) **A luz cai.**

CENA 3

Em um plano mais alto a luz se acende e o espírito do José aparece, vestido de Liu Raí (vestido de Rei nas roupas típicas do Timor). (Ele tenta falar com Saramau e não consegue, a luz sobre José se apaga. Luz em Saramau. Ela acorda naquele sono assustada).

José – Saramau... Saramau. Preciso te contar o que aconteceu no dia do massacre de Santa Cruz. Preciso falar sobre o meu amor e proteção por ti, sobre o nosso casamento. Você precisa saber da verdade. Saramau... Aaramau, acorda por favor! (a luz apaga sobre José).

Saramau – (Vai acordando lentamente e percebe que teve um pesadelo) **Nossa! Que impressão foi essa de que José estava falando comigo. Não... Devo estar ficando louca, ouvindo vozes de quem já partiu e que não verei nunca mais.** (Olhando para fora) **Já amanheceu. Novamente preciso arrumar a casa para a vida passar... O tempo, o tempo não passa. Como estou cansada!** (Se dirige até a mesa e a luz sobre a mesa fica mais baixa. Em um plano mais baixo a luz se acende sobre José. Ela se assusta com a visão e vai se aproximando com medo). **Não pode ser! ...**

Jose – Saramau, por favor, pelo carinho que tenho por você, escute o que eu tenho para lhe falar. Meu tempo é pouco e preciso contar tudo que aconteceu. Me perdoe, meu amor! Não pude contar para você que eu fazia parte das manifestações a favor da independência do nosso país. Tinha obrigação de te proteger, de te preservar. Jurei ao seu pai (engasga sutilmente ao falar) que iria cuidar de você. Precisava lutar pelo nosso país, mas também deixá-la fora de perigo. Não pensei que naquele dia a tropa da Indonésia fosse matar a todos que estavam no cemitério. Preciso muito do seu perdão para ficar em paz. Não tive culpa... (Saramau não o deixa continuar a contar e o interrompe. Saramau corre para a boca de cena).

Saramau – Como assim? ... Você me aparece agora em espírito pra me falar essas coisas? Eu confiei tanto em você José. Por que não me contou a verdade? Não entendo tantas mentiras. Eu ficaria sempre ao seu lado. Teria te compreendido. Sempre fui uma mulher forte, tolerante. Você não podia ter feito isso comigo. Não podia. Sofri muito por ter sido enganada. Logo no momento em que resolvi abrir meu coração para você. Eu não merecia!

José – Você precisa me ouvir minha querida. Eu não podia contar tudo. Mas seu pai sabia que eu lutava pela nossa independência. Assim como eu, vários amigos nossos e seu pai, morremos pela nossa nação. Essa era a nossa missão. Lutávamos para proteger nossas famílias, nosso povo.

Saramau – Não me importa isso agora. Eu não quero acreditar que vocês me enganaram todos esses anos. Vocês de uma certa maneira, me deixaram fora de suas vidas. Não, isso não é real! Eu só posso estar louca. Me recuso a escutar qualquer coisa. Com a solidão me tornei uma mulher livre e posso escolher o que é melhor para mim. Tem coisas na vida que são melhores serem esquecidas. É uma questão de sobrevivência. Vou acreditar no que eu quero! E o que eu quero é poder levantar todas as manhãs com a esperança de que você foi à montanha e voltará a qualquer momento. Isso me faz viver.

Jose – Saramau... Saramau, meu tempo está acabando. Me escute por favor... Eu preciso falar. Eu queria tanto... (a luz se apagar sobre José e ela grita).

Saramau – (grita) Não, isso não pode ser verdade.... (Se olha no espelho tentando se convencer) Saramau, você está ficando louca. Olha bem para você e enxerga a verdade. “Perdi tudo, todos. Viver para que?... (a luz diminui e ela caminha devagar até a boca de cena tirando o lenço de sua cabeça e senta-se de maneira como se estivesse realmente louca).

CENA 4

(Saramau sentada na boca de cena, começa a lembrar do dia da invasão da Indonésia. Sons de fundo lembram a guerra. E com a confusão do som ela grita rapidamente palavras sobre a guerra, sem sentido, rápido e de forma desesperada. Nada faz sentido. Com caras e bocas ela fica repetindo coisas e coloca a mão nos ouvidos para se acalmar. Dá um berro: “NÃO”

Saramau – Lembro-me como se fosse hoje o dia da dessa maldita invasão. A Indonésia matou muito dos nossos, nas montanhas, nas vilas, aldeias. Por todo canto. É como se eu não tivesse mais referências. Mas aqui é minha terra, minha raiz, minha história. Nenhuma invasão, guerra ou destruição pode apagar nossa cultura e nossa essência.

(A luz se apagar sobre a Saramau. Do outro lado do palco, com luzes e gritos, 05 pessoas entram correndo pelo palco no meio desses sons e caem mortas no palco perto das laterais onde podem sair quando a luz diminui. José entra em cena quando vê seus amigos mortos. Ele corre de um lado para o outro, para diante de um dos corpos e abraça).

José – Amigo, amigo, acorde. Não é hora de você morrer, a luta ainda não acabou. Não, não me deixem sozinho aqui, eu preciso de vocês, não, não. Barulho de explosão. José cai morto ao lado dos amigos.

A (luz começa a se apagar sobre o palco, tornando o escuro, e uma musica bem distante se escuta, e lentamente a luz começa a acender sobre Saramau).

CENA 5

Ela se levanta da cama e corre pelo palco como uma louca e para na lateral direita do palco.

Saramau – Não quero lembrar de mais nada, nada mesmo. Tudo é real. Parece que está tudo acontecendo novamente. Minha vida acabou... Estou ficando sem chão e fora da realidade.

(Olha na direção da mesa e caminha, sobe na mesa e fica sentada como uma louca. Dá uma risada, olha pra frente seria e diz).

Saramau – No dia do meu casamento, que dia lindo, eu me sentia uma verdadeira rainha. Todos me olhavam com admiração. Eu no fundo me sentia orgulhosa, eu sempre soube que José era um bom homem. Ah... Meu pai estragou tudo. Não nasci para ser obrigada ou manipulada. Mas eu sabia que estava linda.... O meu castelo era de areia. O vento bateu e levou. Por ironia a rainha não amava o seu rei (se larga e deita na mesa).

(A luz diminui sobre Saramau e no canto do palco conforme a produção, o Jose aparece pra Saramau, ela já não se assusta, pois está confusa, achando que está louca. José tenta acalmar Saramau e tirá-la daquele desespero).

José – Saramau, não posso te ver assim. Tenta me ouvir com calma...

Ela interrompe José e fala.

Saramau – A minha loucura não me permite ouvi-lo. Nada disso é real. Você não está aqui. Pára! Estou só, numa terra estranha, destruída, sem esperança e sem fertilidade.

José – Saramau, aceita a verdade. Você não está louca.

(Ela desce da mesa e vai em direção a José, mas não consegue tocá-lo, fazendo com que essa situação reforce a sua loucura, ela corre até a mesa e fala pra José).

Saramau – Eu sabia! Não é real. Eu não consigo te tocar, estou falando sozinha, ouvindo e vendo coisas. Você é um fantasma! (Dá uma risada).

Saramau – Vou para a montanha encontrar o meu amor e contar finalmente pra ele que eu o amo.

Jose – Não! Isso não pode e nem deve acontecer.... Você vai ter que me escutar.

Saramau – Não, não te escutarei mais!

(Saramau senta-se na poltrona de leitura e adormece. José tenta se aproximar dela e abraçá-la, mas não consegue. A luz do palco se apaga totalmente. Uma música suave toca no fundo e uma voz da rua acorda Saramau. É dia e Saramau acorda completamente sem forças. Levanta-se, pega a caixa de madeira, senta-se novamente e pela primeira vez chora compulsivamente. Pensa em abrir a caixa, mas resolve colocá-la no chão com raiva. Levanta-se, coloca seu vestido preto e enche em uma xícara do chá que está no bule. Amarra um lenço preto na cabeça e toma um gole para se acalmar. Vai para a boca de cena, tira um vidro do bolso do vestido, coloca no chá. Olha profundamente para o alto da platéia e com lágrimas escorrendo vira o resto do chá).

Saramau – Preciso estar bem para encontrar meu amor... (Tira o lenço e dá um suspiro).

Saramau – Estou pronta para a partida. Eu te quero José! Silêncio.... Não estou consigo ver nada, me sinto fraca, o que esta acontecendo? (Ela cai perto da mesa e a luz se apaga totalmente. Ouve-se uma música bem distante.)

CENA 6

(No canto esquerdo do palco a luz começa a acender sobre Joséao som da mesma música bem distante. Jose fala em seguida).

Jose – Não vejo a Saramau. Contarei meu segredo de qualquer jeito.

(Do lado direito do palco a luz se acende sobre Saramau. Ela está linda de branco. Eles se olham).

Saramau – Meu amado... Tudo está bem. Nada mais importa. Te encontrei e vou ficar ao seu lado eternamente. Minha vida agora começou.

José – (Surpreso e assustado) Saramau isso não podia acontecer. O que você fez? A culpa é minha! Que eu tenha forças para suportar essa cruz....

Saramau – Não me interrompa! (Fala como um desabafo) No dia que você saiu para o cemitério de Santa Cruz eu finalmente descobrir que te amava. Na verdade sempre te amei José. Eu estava cega pela minha teimosia.

Jose – Não! Isso não podia acontecer entre MIM e você. Me esforcei para te encontrar em vida para revelar algo que na verdade você nunca permitiu. Preciso falar...

Saramau – Agora estou aqui. Inteira para você. Fala meu amor!

Jose – Eu nunca vou poder te amar DA FORMA QUE VOCÊ DISSE. Nem em vida e nem aqui nesse plano espiritual. Quero que você acredite que meu amor e cuidado por ti é algo muito forte, genuíno, puro. Na verdade, preciso lher dizer algo que seu pai...(pausa), “nosso pai” (com a voz embargada), nunca lhe contou, mas eu sou filho dele com outra mulher. Meu amor por ti é amor de irmão.

Saramau – Como? ... Meu irmão? ... Eu não mereço! Então eu não deveria ter partido para junto de você. Agora eu entendo porque você quis falar comigo tantas vezes e eu não permiti. O que eu fiz José? ... Sou vítima da mentira, da guerra e da solidão. Faço o que com esse amor? ... Aprendi a te querer como homem. Não como meu irmão.

Jose – Saramau, nada pode ser pior do que ouvir isso e ver todo seu sofrimento. Meu amor por você é fraternal. Sou seu irmão e sempre estarei por perto para cuidar de você! Agora nos resta seguir nossos destinos e caminhar cada um para sua missão. Eu vou sempre te amar, “minha querida irmã”.

Saramau – Eu vou continuar minha caminhada... Aprender a te amar como tem que ser. Não é assim que a vida nos ensina? Obrigando, conduzindo e nos violentando pela lei da dignidade. Dignidade essa que ainda preciso descobrir. Obrigado José por tudo. Imagino que a vida também te fez sofrer muito. Pra onde vamos, não sabemos. Você é uma pessoa maravilhosa. Sim, nos veremos em algum momento, em outro lugar, em outra história... (Eles se olham, se aproximam um do outro e se abraçam ao som de música bem distante. A luz vai DIMINUINDO. José se retira do palco).

(Olhando fixamente para o fundo da platéia).

Saramau - Que meus irmãos timorenses lutem por nosso país em nome de todo sangue que foi derramado por essa luta. (Com um largo sorriso E ABRINDO OS BRAÇOS) “AQUI ESTÁ TIMOR!”

FIM